

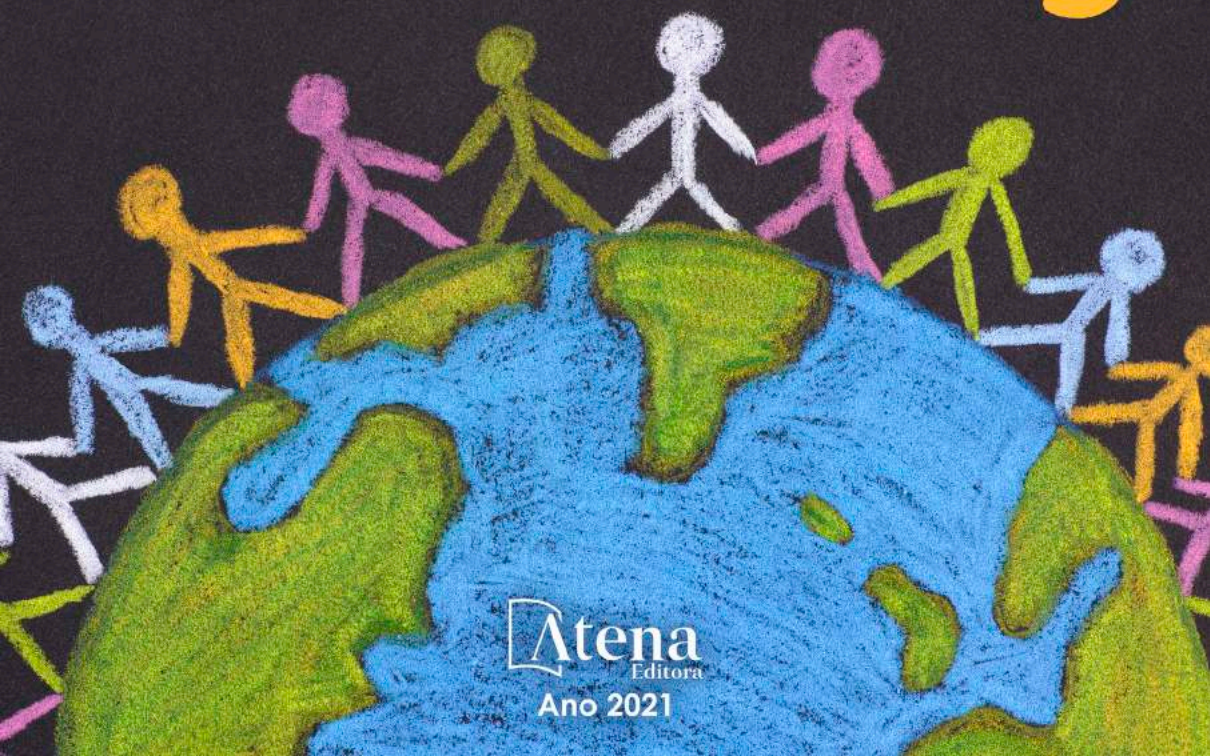
AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(Organizador)

Educação

enquanto fenômeno social:

Democracia e emancipação humana

5



Atena
Editora
Ano 2021

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(Organizador)

Educação

enquanto fenômeno social:

Democracia e emancipação humana

5



Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Daphynny Pamplona

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Educação enquanto fenômeno social: democracia e emancipação humana 5

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação enquanto fenômeno social: democracia e emancipação humana 5 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-646-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.468211611>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo de trato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. O cenário político de descuido e de trato com as questões educacionais, vivenciado recentemente e agravado com a pandemia, nos alerta para a necessidade de criação de espaços de resistência. Este livro, intitulado **“Educação enquanto fenômeno social: Democracia e Emancipação Humana”**, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, a mulher negra, o trabalhador, a juventude rural, os professores em seus diferentes espaços de trabalho, entre outros.

É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade. Portanto, os diversos capítulos que compõem este livro tornam-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, considerando os diversos elementos e fatores que o intercrusa.

Neste livro, portanto, reúnem-se trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional, tendo a Educação enquanto fenômeno social importante para o fortalecimento da democracia e emancipação humana.

Os/As autores/as que constroem essa obra são estudantes, professores/as pesquisadores/as, especialistas, mestres/as ou doutores/as e que, muitos/as, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos/as autores/as e discussões por eles/as empreendidas, mobilizam-se também os/as leitores/as e os/as incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

USO DE DISPOSITIVOS MÓVILES: ESTUDIANTES Y PROFESORES ANTES Y DURANTE LA PANDEMIA COVID-19

Ana María Soto Hernández


Laura Silvia Vargas Pérez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4682116111>

CAPÍTULO 2..... 14

A EDUCAÇÃO MUSICAL POR MEIO DOS MÉTODOS ATIVOS COMO RECURSO PARA INCLUSÃO DE PESSOAS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Marlene Betzel Luxinger


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4682116112>

CAPÍTULO 3..... 31

A (RE) ELABORAÇÃO DOS PLANOS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO: A EXPERIÊNCIA NO SERTÃO DE ALAGOAS

Luciene Amaral da Silva

Inalda Maria dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4682116113>

CAPÍTULO 4..... 43

ROTEIRO DE VIAGEM: UMA INCURSÃO PELO CONHECIMENTO

Vânia Mar da Silva Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4682116114>


CAPÍTULO 5..... 48

A RESISTÊNCIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS À NEGAÇÃO DO SEU DIREITO DE SER

Valeria de Fatima Tartare Marassatto

Maria de Fátima Guimarães

Thiago Alexandre Hayakawa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4682116115>

CAPÍTULO 6..... 61


THE TEACHING OF MATHEMATICS THROUGH MICROPROJECTS. A SEMIOTIC ONTOLOGICAL APPROACH FOR SOCIAL SCIENCES

Alberto Isaac Pierdant Rodríguez

Jesús Rodríguez Franco

Ana Elena Narro Ramírez

Alberto Isaac Pierdant Castellanos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4682116116>


CAPÍTULO 7..... 73

O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA E AS REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO DE

NEGROS APÓS A ABOLIÇÃO NO BRASIL NO SÉCULO XIX

Fabiana Silva

Fernando Gaudreto Lamas


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4682116117>

CAPÍTULO 8..... 79

A TECNOLOGIA DE GROUPWARE COMO RECURSO PARA O PROCESSO DE ESTUDO E PESQUISA NO ENSINO SUPERIOR

Julia Ângela Ramón Ortiz

Jesús Vilchez Guizado

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4682116118>

CAPÍTULO 9..... 92


A FONOAUDIOLOGIA JUNTO A INCLUSÃO DOS SURDOS NA ESCOLA

Alessandra Pantoja Carneiro

Adriana Sá Monteiro

Danielle Basilio dos Santos

Iona Vicente Monteiro Carneiro


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4682116119>

CAPÍTULO 10..... 106

ENSINO DA PRODUÇÃO DE TEXTOS: RECORTE DE UMA PRÁTICA

Geni Rosa de Oliveira


Claudete Casmeschi de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161110>

CAPÍTULO 11 121

CURSO DE PEDAGOGIA: A PRÁXIS NA FORMAÇÃO INICIAL ARTICULADA ENTRE DOCENCIA E GESTÃO EDUCACIONAL


Maria Lucia Morrone

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161111>

CAPÍTULO 12..... 130

GÊNERO E ENEM: UMA PERSPECTIVA FORMATIVA SOBRE A AVALIAÇÃO DO ENSINO MÉDIO


Guilherme Stecca Marcom

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161112>

CAPÍTULO 13..... 142

O ENSINO DA LEITURA E DA PRODUÇÃO TEXTUAL NO CAMPUS ARAPIRACA DO INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS: PESQUISA E INTERVENÇÃO


Adriana Nunes de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161113>

CAPÍTULO 14..... 154

LEEMUSICA/READMUSIC: PROYECTO DE INNOVACION EDUCATIVA DE LA

Rosario Castañón Rodríguez


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161114>

CAPÍTULO 15..... 162

PROJETO DE ENSINO CLÍNICO EM PRIMEIROS SOCORROS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Camila de Souza Lopes

Marcos Antonio Nunes Araujo


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161115>

CAPÍTULO 16..... 169

CONCEPÇÃO DO PROFESSOR DO ENSINO REGULAR SOBRE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY-ES

Sherlany da Silva

José Roberto Gonçalves de Abreu

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161116>

CAPÍTULO 17..... 180

EDUCAÇÃO ESTATÍSTICA- FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM AULAS INVESTIGATIVAS

Albano Dias Pereira Filho

Nielce M. Lobo da Costa

Cynthia Souza Oliveira

Marlise Geller

Gilson Moura da Silveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161117>

CAPÍTULO 18..... 186

INTRODUÇÃO AO ENSINO DA CURVA NORMAL: UMA EXPERIÊNCIA POR MEIO DE JOGOS COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Albano Dias Pereira Filho


Claudio de Sousa Galvão

Cynthia Souza Oliveira

Anderson Brasil Silva Cavalcante

Nielce M. Lobo da Costa


Débora Lorrane Sousa Couto



 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161118>

CAPÍTULO 19..... 194

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DO CAMPO: CONTRIBUIÇÕES DA AGROECOLOGIA

João Claudio Madureira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161119>

CAPÍTULO 20.....	204
EDUCAÇÃO AMBIENTAL, SOCIEDADE E SUSTENTABILIDADE	
Sheila Mayara Ribeiro do Carmo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161120	
CAPÍTULO 21.....	217
CURSO PREPARATÓRIO PARA MESTRADO E DOUTORADO: UMA FORMA DE LETRAMENTO?	
Aline Lucia Marques Pacheco	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.46821161121	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	226
ÍNDICE REMISSIVO.....	227

A RESISTÊNCIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS À NEGAÇÃO DO SEU DIREITO DE SER

Data de aceite: 01/11/2021

Data de submissão: até 03/08/2021

Valeria de Fatima Tartare Marassatto

Universidade São Francisco
Itatiba – SP

<http://lattes.cnpq.br/5758030188442779>

Maria de Fátima Guimarães

Universidade São Francisco
Itatiba – SP

<https://orcid.org/0000-0001-5701-2668>

Thiago Alexandre Hayakawa

Universidade São Francisco
Itatiba – SP

<http://lattes.cnpq.br/83153212147388189>

RESUMO: Carolina Maria de Jesus, mulher, negra, mãe e escritora brasileira, registra em suas composições a discriminação, em virtude da origem étnica e condição social, sofridas por pessoas como ela, muitas delas migrantes – o que é narrado em *Diário de Bitita* –, e/ou que viveram na favela do Canindé, na zona norte da Cidade de São Paulo, nas décadas de 1950-1960 – conforme exposto em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, sua obra de estreia. São experiências que expõem as tensões e os conflitos socioculturais entre grupos sociais hegemônicos e aqueles subalternizados que compunham esses cenários. O sucesso inicial durou pouco e Carolina foi rapidamente relegada ao ostracismo. E é no diálogo com Carolina em ambas as obras que este artigo buscou flagrar

a condição do não-ser, abordada pelas teorias decoloniais, considerando-se as contribuições teóricas de Enrique Dussel (1993), Aníbal Quijano (2005), Walter Mignolo (2005, 2010, 2017, 2020) e, em especial, a colonialidade do ser, proposta por Maldonado Torres (2007), além de desvelar a resistência à essa condição por parte da autora.

PALAVRAS-CHAVE: Decolonialidade. Carolina Maria de Jesus. Literatura.

CAROLINA MARIA DE JESUS' RESISTANCE TO THE DENIAL OF HER RIGHT TO BE

ABSTRACT: Carolina Maria de Jesus, a woman, black, mother and Brazilian writer, registers in her compositions the discrimination, due to ethnic origin and social condition, suffered by people like her, many of them migrants - as narrated in *Diário de Bitita* -, and/or who lived in the Canindé favela, in the northern part of the city of São Paulo, in the 1950s-1960s – as shown in *Quarto de despejo: diary of a favelada*, his debut work. These are experiences that expose the tensions and sociocultural conflicts between hegemonic social groups and those subalternized that make up these scenarios. Initial success was short-lived and Carolina was quickly relegated to ostracism. And it is in the dialogue with Carolina in both works that this article sought to capture the condition of non-being, addressed by decolonial theories, considering the theoretical contributions of Enrique Dussel (1993), Aníbal Quijano (2005), Walter Mignolo (2005, 2010, 2017, 2020) and, in particular, the coloniality of being, proposed by Maldonado Torres (2007), in addition to unveiling the author's resistance to this condition.

KEYWORDS: Decoloniality. Carolina Maria de Jesus. Literature.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo fazer uma breve apresentação de Carolina Maria de Jesus e, no diálogo com ela, mobilizar as algumas de suas experiências em duas de suas obras, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* e *Diário de Bitita*, a partir do lugar não natural delimitado ao subalternizado, a quem foi, e ainda é, negado o direito de ser¹. Isso se dará a partir da análise e confronto de algumas situações apresentadas pela escritora, as suas considerações diante delas e a problematização das mesmas, por conta do segundo parágrafo do movimento 1, a partir das teorias decoloniais desenvolvidas pelos intelectuais Enrique Dussel (1993), Aníbal Quijano (2005) e Walter Mignolo (2005, 2010, 2017, 2020), marcadamente a decolonialidade do ser, proposta por Maldonado Torres (2007). E, nesse percurso, buscar identificar quais foram as estratégias utilizadas por Carolina para resistir a esse estado de coisas.

Para abordar essa realidade, partimos, em um primeiro movimento, da apresentação de Carolina Maria de Jesus, considerando a princípio a menina, depois a mulher negra, pobre, mãe e escritora, na relação com o outro, a partir das suas experiências e memórias relatadas nas duas obras em questão. A par disso, ainda nesse capítulo, trazemos as categorias conceituais decoloniais necessárias para o entendimento de que o encobrimento da alteridade do outro, conforme Dussel (1993), advém de um processo de destruição da América – e não de descobrimento, conforme nos foi imposto – em que o outro, que não o europeu, foi destituído de realidade. Situação ainda presente em pleno século XXI.

Por sua vez, em um segundo movimento traz uma breve sinopse das já citadas obras de Carolina, em sua concepção e enredo, bem como a nossa explanação dos temas identificados como limítrofes, ou seja, como atos proibitivos do ser, compostos pelos processos históricos datados, construídos pela ação do homem. De outra parte, expor formas de resistência mobilizadas por Carolina no sentido de transgredir essas situações postas. Neste movimento, buscamos integralizar o referente decolonial, em articulação com os recortes selecionados, não esquecendo de costurar o diálogo entre estes três elementos: a literatura memorialística de Carolina, o referencial teórico e a nossa percepção daquela à luz deste.

Por conseguinte, nas Considerações Finais, convidamos à reflexão sobre a diferença colonial como estratégia fundamental, conforme Mignolo (2020), utilizada até os dias de hoje, para promover a exclusão e expropriação de populações e regiões do mundo, de modo geral, e as populações subalternizadas apontadas em nosso artigo, em particular, devido ao fato da transformação de diferenças em valores (MIGNOLO, 2020).

¹ Este artigo é um desdobramento da pesquisa de mestrado de MARASSATTO (2021), cujo título é *Compreensão de Cultura por Carolina de Jesus em Análise Decolonial de Quarto de Despejo*.

Apesar disso, lembrar que existe a possibilidade de resistência, como o fez Carolina em suas obras ao mobilizar suas memórias e denúncia social.

2 | CAROLINA DE JESUS (1914-1977) E (DE)COLONIALIDADE

Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, pobre e migrante, além de ter sido escritora, foi também compositora e poetisa brasileira; recebeu, postumamente, o título de Doutora *Honoris Causa* da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 09/11/2020 (SECOM/CFCH, 2020). Sua obra mais conhecida, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicada em 1960 pela Livraria Francisco Alves, foi escrita nos anos anteriores, enquanto vivia com os filhos na favela do Canindé, zona norte de São Paulo (FARIAS, 2018).

Suas considerações sobre a importância da leitura e da escrita na sua formação vão ao encontro da decolonialidade, haja vista essas habilidades terem sido essenciais para que ela pudesse descrever a realidade de desumanização a que foram submetidas as camadas subalternizadas da sociedade, dentre as quais a que pertencia. Desumanização essa que veio promovendo, ao longo do tempo – desde a colonização – o acirramento da desigualdade social e reforçando o sentimento de não-ser dessas populações. Ainda assim, Carolina encontrou forças para atravessar essas experiências, ou deixar-se atravessar por elas, como diria Larrosa (2014), lendo o mundo e escrevendo sobre ele de modo a contribuir para que os outros pudessem, e possam, lê-lo também, compartilhando da sua sensibilidade.

2.1 De Bitita a Carolina Maria de Jesus, a escritora

Para uma menina que não queria frequentar a escola – “Eu fui apenas para averiguar o que era a escola” (JESUS, 1986, p. 123) –, tornar-se escritora foi um grande feito. Para uma mulher negra ter alcançado sucesso já com a sua primeira obra literária em plenos anos 1960, foi um acontecimento inusitado em um País marcado pelo racismo estrutural.

Segundo Farias (2018), Bitita – como Carolina era chamada no seio familiar – foi a primeira de uma família de descendentes de escravos a aprender a ler e a escrever. Família que, por parte de mãe, advinha do Quilombo do Patrimônio, na pequena Sacramento das Minas Gerais.

É certo que os dois anos em que – por determinação de sua mãe, Cota, que, por sua vez, atendia a insistência da patroa, Dona Maria Leite – frequentou a escola espírita Allan Kardec, ali mesmo na cidade de nascimento, não foram suficientes para uma formação completa. Não obstante, a discriminação racial parecia ser uma prática presente no ambiente escolar, posto que, logo de cara, os alunos comentaram sobre a sua cor e suposta fealdade: “– Que negrinha feia! Ninguém quer ser feio.” (JESUS, 1986, p. 122), conforme relata Carolina em *Diário de Bitita*.

No entanto, a vontade de colocar no papel aquilo que pensava sobre a vida –

memórias dos acontecimentos, dos sentimentos, das injustiças sofridas – foi tanta que, ao longo da vida, leu o quanto pode nas oportunidades que teve. Disse, em uma entrevista ao jornal *A noite*, de 1942: “Tenho que descarregar a cabeça de toda esta inspiração que me atormenta dia e noite” (FARIAS, 2018). Carolina, a esta altura, já estava em São Paulo capital, depois de peregrinar por várias cidades de Minas Gerais e do interior de São Paulo, trabalhando como doméstica ou cozinheira, em empregos que duravam pouco, porque vivia se distraindo do trabalho para fazer versos.

Uma das oportunidades que teve se deu na casa do famoso cirurgião Dr. Zerbini, em São Paulo, para quem trabalhou como doméstica entre 1942 e 1945, e com quem, segundo a filha Vera Eunice, conversava sobre as notícias do dia lidas no jornal. Ainda conforme a filha, o famoso médico dava acesso à Carolina a sua biblioteca nos dias em que ela estava de folga. Vera afirma que daí surgiu uma amizade que permaneceu. De fato, o cirurgião foi convidado de honra no lançamento de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, e figurou dentre outros de seus ex-patrões e celebridades do universo literário (FARIAS, 2018).

A princípio, Carolina queria ser poetisa, mas ao longo do tempo, sua escrita serviu a distintos gêneros textuais nem sempre rígidos – indo de letras de canções (que inclusive gravou) a peças de teatro, de crônicas a romances –, como é o caso de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, que pode ser classificado como romance, mas atende às características de diário, obviamente, onde traz, em muitos momentos, a crônica do dia a dia da São Paulo das décadas de 1950-1960, conforme segue:

...Mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui na Assembléia. A sucursal do Purgatório, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palacio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lagrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os politicos representam em relação ao povo (JESUS, 2014, p. 53).

Desigualdades como essas já tocavam a pequena Bitita, quando chorava por querer comer as coisas gostosas que experimentava na casa de uma de suas madrinhas, ou quando pensava ser importante por ter uma madrinha branca. E, muito embora tenha ido descalça para receber o sacramento da Crisma, registra:

Fui com a minha madrinha para a igreja. Ela alugou um carro de praça. O cocheiro do carro era o primo mulato de minha mãe, José Marcelino. Ele cobrou quinhentos réis por pessoa. A minha madrinha deu-lhe dez mil-réis. Eu pensei: “Puxa, ela tem muito dinheiro! Já sou importante, tenho uma madrinha rica” (JESUS, 1986, p. 14).

No relato das suas memórias do tempo de criança ou já da vida adulta, é possível perceber a transformação da menina Bitita na escritora Carolina, sendo perceptível o processo de desumanização ao qual foi submetida ao longo do tempo.

Mesmo depois do sucesso do livro de estreia, quando Carolina passa a viver no

subúrbio e, depois, na zona norte de São Paulo, a presença da escritora negra, saída da favela, que cuida dos três filhos sem a necessidade de um marido, incomoda muita gente. No entanto, o deslumbramento de Carolina com o sucesso, as entrevistas e viagens, contribui para que ela demore um pouco a se dar conta disso e, de sua parte, sinta na pele, mais uma vez, os efeitos do lugar reservado ao negro, ao pobre, à mulher, enfim, ao não-ser, conforme será exposto no próximo item.

2.2 A questão do ser e do não-ser pelos estudos decoloniais

A exemplo do que vem se sucedendo desde a instauração daquilo que Dussel (1993) denominou o mito da modernidade – momento em que o europeu quis impor à América Latina um processo de modernização, a partir de 1492, quando da sua primeira incursão conquistadora e conseqüente destruição das culturas originárias –, os países desse continente foram submetidos à dominação externa e à imposição de uma cultura outra, resultando no encobrimento do outro, por considerá-lo atrasado, subdesenvolvido, bárbaro destituindo-o de realidade, restando esta somente ao europeu.

De sua parte, Mignolo (2005, p. 36) considera “[...] fundamental na história do capitalismo e da modernidade/colonialidade, [...] a emergência do circuito comercial do Atlântico” e, citando Quijano e Wallerstein (1992), “[...] da ideia de ‘hemisfério ocidental’ [que] deu lugar a uma mudança radical no imaginário e nas estruturas de poder do mundo moderno”. Os autores argumentam que a América – assim denominada pelos europeus, mas também conhecida como Novo Mundo – não é somente um território ou um projeto específico, mas parte de um padrão de poder que se foi impondo no mundo, uma nova ordem mundial, um novo conceito, uma nova forma de organizar a sociedade, uma mudança massiva nesse contexto. Para Mignolo (2017, p. 2), “[...] a ‘colonialidade’ (por exemplo, [...] a matriz colonial de poder) é assumidamente a resposta específica à globalização e ao pensamento linear global, que surgiram dentro das histórias e sensibilidades da América do Sul e do Caribe”.

Essa colonialidade do poder a que Mignolo se refere é a que Quijano (2005) propôs reconhecer como categoria e cujo padrão produziu um fenômeno inédito até então, a ideia de raça ou, mais que isso, a relação social fundamentada nessa ideia de que as pessoas são desiguais por sua natureza biológica (a cor associada à ideia de raça). E é no contexto da colonização da América Latina, segundo esses autores, que esta nova estrutura de poder está sendo produzida. Segundo Quijano (2005), essa ideia de raça termina redefinindo todas as formas de desigualdades prévias: gênero, linhagem, etnicidades, redefinindo-as por completo.

Conforme sugere Mignolo (2010), o conceito de colonialidade do poder é composto por uma matriz colonial estruturada cujos níveis se entrelaçam, abrangendo: o controle da economia, o controle da autoridade, o controle da natureza e dos recursos naturais, o controle do gênero e da sexualidade; o controle da subjetividade e do conhecimento.

Ademais, além da colonialidade do poder, incorporou-se a essa matriz outras duas dimensões: a do saber e a do ser, pois com base neste pressuposto, o da colonialidade do poder, todos os projetos que o constituem constroem também matrizes de saber que legitimam a sua pertinência (MIGNOLO, 2010).

Maldonado-Torres (2007) se propõe, então, a partir do conceito de colonialidade do ser e em diálogo com esses pensadores, o desafio de conectar os níveis genético, existencial e histórico, proposto por eles, pois entende ser este o ponto onde o Ser evidencia seu lado colonial e suas fraturas.

Nessa compreensão, como o outro não pensa, logo, não é. Essa concepção europeia pressupõe que, se o outro – povos originários das terras invadidas/conquistadas – não é branco, não fala a mesma língua, não é alfabetizado, não é cristão, conseqüentemente, não é gente (MALDONADO-TORRES, 2007). Deste modo, segundo esse autor, a colonialidade do ser tem por base a invisibilidade e a desumanização do outro – do outro que não é homem, branco, europeu – por parte dos grupos dominadores.

O resultado disso é vivermos em uma sociedade profundamente desigual excludente e preconceituosa e os brancos são beneficiados por essa separação. Não é preciso ir longe para se verificar isso. Em qualquer cidade, facilmente se identifica os bairros com predominância de população branca e os de população negra, e não coincidentemente os de população negra são mais pobres.

Fica clara a necessidade tanto de se reconhecer as tensões sociais, as disputas simbólicas e os conflitos de interesse imbricados nessa realidade, quanto de se ir ao encontro das demandas dos segmentos subalternizados. Pensamos que uma das formas possíveis de resistência, dentre outras, será instrumentalizar tais segmentos no sentido de também estarem preparados para lutar por seus direitos nos diferentes níveis institucionais do Estado. Pensamos que outro aspecto fundamental será garantir o acesso à uma educação de qualidade que, no seu transcorrer, rompa com o silenciamento sobre problemas existentes no País, dentre os quais aqueles oriundos da violência contra as minorias sociais.

3 I NOS DIÁRIOS, CAROLINA REGISTRA QUEM É?

Na narrativa de suas memórias, Carolina traz para o texto, seja em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* ou em *Diário de Bitita*, suas vivências cotidianas transformadas em experiências, com uma afirmação dos sentidos para a resistência, que não é apenas dela, mas do ser humano que luta pela vida, portanto, uma Memória coletiva também do coletivo. Experiência essa, conforme Larrosa (2002, p. 25-26), tida como “[...] aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação”. Trata-se, portanto, de ultrapassar o racional, agregando-o ao emocional e ao físico, como

realisticamente é trazido no seguinte recorte:

...Percebi que no Frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estomago.

Comecei sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando eu nasci o destino, marcou-me para passar fome. Catei um saco de papel. [...] O Leon pegou o papel, recibi seis cruzeiros. Pensei guardar o dinheiro para comprar feijão. Mas, vi que não podia porque o meu estômago reclamava e torturava-me.

...Resolvi tomar uma media e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as arvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos (JESUS, 2014, p. 44).

Assim, integrando a leitura dos textos *Quarto de despejo: diário de uma favela* e *Diário de Bitita*, sob o olhar proposto pelos estudos decoloniais, rastreamos as implicações do colonialismo naquele momento histórico e, por que não dizer, até os dias de hoje.

Iniciamos por delimitar o contexto de produção de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, momento em que Carolina é moradora do barraco n.º 9, na favela do Canindé, zona norte da cidade de São Paulo, na década de 1950. Nele, a autora registra seu dia a dia em papéis recolhidos na rua da capital, em sua luta diária pela sobrevivência como catadora (JESUS, 2014, p. 20).

O livro tornou-se um *best-seller* logo de início, sendo traduzido para 13 idiomas no espaço de um ano, e vendido em 40 países com tiragens que superaram em 100 vezes obras de escritores brasileiros já. A obra mobiliza tensões sociais, disputas simbólicas e conflitos de interesse concernentes à conjuntura sociocultural na qual foi elaborada.

O quarto de despejo de que Carolina trata é uma designação dada por ela à favela:

As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num **quarto de despejo** (JESUS, 2014, p. 37, *grifo nosso*).

Carolina usa palavras rebuscadas, aprendidas nos livros que, apesar da pouca instrução, mas graças a ela, sabe utilizar, e por meio das quais busca demonstrar o seu direito em habitar a “sala de visita”, pois destoa do “quarto de despejo”, que transforma as pessoas que para ali vão. Revela sua resistência, em não sucumbir a essa alquimia às avessas, que transforma o ser em não ser.

Amanheceu chovendo. Tenho só três cruzeiros porque emprestei 5 para Leila ir buscar a filha no hospital. Estou desorientada, sem saber o que iniciar. Quero escrever, quero trabalhar, quero lavar roupa. Estou com frio. E não tenho sapato para calçar. Os sapatos dos meninos estão furados (JESUS,

Na relação com o outro no ato de socorrê-lo, encontra-se a Carolina que não tem dinheiro, que vive em condições degradantes em um lugar do qual não gosta. E ela só está nessa situação porque é negra, porque é mulher, porque é subalternizada, porque um dia foi inventado um modo de divisão social que também pautou-se pela questão racial, considerando a cor da pele, por homens brancos, cristãos e europeus que invadiram e conquistaram terras na hoje América do Sul e que submeteram os povos originários, o mesmo acontecendo em África, donde vieram os negros escravizados.

Pensamos que Carolina se refugiava e resistia a todo esse estado de coisas, na escrita do seu diário, que era uma maneira de ir para dentro de si, porque, conforme Quijano (2005), não há outro lugar para onde se possa ir em tais condições. E desse lugar, Carolina retirava as suas conjecturas:

...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:

– É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iduçado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. E indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta.

...Um dia, um branco disse-me:

– Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem.

O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém (JESUS, 2014, p. 64-65).

Uma leitura pelo viés decolonial implica em uma tentativa do que Quijano (2005) denomina uma produção epistêmica outra, através da qual se pretende inspirar a replicação de outra e outra episteme, para que não se crie uma nova hegemonia a ocupar o lugar desta que nos oprime deste a instauração da modernidade/colonialidade.

Carolina, em sua escrita, coloca-se diante de situações de desigualdade social, racial de gênero e revela uma mulher que, desde sempre, questionou sobre o que se passava ao seu redor. São inúmeros os trechos, em *Diário de Bitita*, nos quais ela se dá conta de certas coisas: “O que eu não notava é que nas festas dos negros os brancos não iam” (JESUS, 1986, p. 23); indigna-se: “Revoltava-me pensando que todas as pessoas deveriam ser iguais” (JESUS, 1986, p. 31); filósofa:

O homem pobre deveria gerar, nascer, crescer e viver sempre com paciência para suportar as filúcias dos donos do mundo. Porque só os homens ricos

é que podiam dizer “Sabe com quem você está falando?” para mostrar a sua superioridade.

Se o filho do patrão espancasse o filho da cozinheira, ela não podia reclamar para não perder o emprego. Mas se a cozinheira tinha filha, pobre negrinha! O filho da patroa a utilizaria para o seu noviciado sexual. Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas cirandas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor Pereira, Moreira, Oliveira, e outros porqueiras que vieram do além-mar (JESUS, 1986, p. 34).

Sua observação, ainda precoce, da discriminação racial, tinha lugar também na igreja. Segundo Jesus (1986), cada público tinha sua própria missa – pobres e pretos, a das seis; madames ricas e casadas, a das oito; e suas jovens filhas com os namorados ficavam com o horário das dez; enquanto os primeiros ficavam nas ruas a observar o desfile dos passantes endinheirados. Carolina observava também que as roupas eram um claro sinal da importância de quem as usava. “Eu ficava preocupada com a seleção de classe. [...] “Será que a alta sociedade é tão importante assim?” (JESUS, 1986, p. 101). E, na sua inocência de criança, interroga a mãe:

- A senhora pode me dar o endereço de Deus?

Ela estava nervosa deu-me uns tapas. Fiquei horrorizada: “Será que a minha mãe não vê a luta dos negros? Só eu!”. Se ela me desse o endereço de Deus, eu ia falar-lhe. Para ele dar um mundo só para os negros.

Ela explicou-me que os negros eram ignorantes. Que o homem que não sabe ler fica parado igual uma árvore num lugar (JESUS, 1986, p. 93).

Claramente reflexo de uma mente colonizada, a mãe de Carolina associa falta de conhecimento à analfabetismo, enquanto Carolina já revela o seu incômodo em relação às diferenças.

Curioso é o fato desta obra, finalizada em 1975, ter sido publicada primeiramente na França, em 1982, e apenas em 1986 no Brasil (PEREIRA, 2019), quando Carolina já não estava mais viva.

A forma de ver o mundo como o via Carolina, através de estereótipos construídos a partir da nossa herança colonial, é possível de ser flagrada em várias passagens de suas obras. Quando fala da mãe, o faz com ternura, talvez porque seja esperado que nos refiramos às mães dessa forma, um constructo formado pelo consenso. Isso não quer dizer que a mãe não fosse zelosa ou que não tenha feito muitos sacrifícios por ela, mas há inúmeras passagens em que Carolina relata a sua falta de paciência e a sua rejeição até:

Eu nada tenho que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar o seu sonho. Mas ela formou o meu caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e dos fracos (JESUS, 2014, p. 48-49).

Na sequência, há o estereótipo também do favelado, mas Carolina logo trata de desfazer: “É porisso que eu tenho dó dos favelados. Se bem que aqui tem pessoas dignas

de despreso, pessoas de espirito perverso” (JESUS, 2014, p. 48-49). Além disso, deixa-nos a dúvida a respeito de incluir-se nessa classificação.

No entanto, é importante saber que é a partir da criação de estereótipos que chegamos na noção de preconceito, maneira como nos sentimos em relação a grupos estereotipados. E se formos um passo além, quando esse sentimento vira ação, nós estamos falando de consciência e de discriminação, porque toda discriminação é consciente e ela é um processo no qual o estereótipo vira preconceito e então preconceito vira política, vira forma de agir no mundo. Esses conceitos a partir da psicologia social não serão desenvolvidos aqui, mas ajudam a entendermos o processo constitutivo da não identificação do ser no outro (MALDONADO-TORRES, 2007). É possível pensar se a própria Carolina, ao se distanciar do favelado, como o faz, não estaria, de certa forma, também sendo preconceituosa.

Em relação às mulheres da favela, ela igualmente se posiciona. No entanto, ao mesmo tempo em delas se aparta, revela, com isso, uma postura assertiva:

Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade.

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer especie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas (JESUS, 2014, p. 16-17).

Carolina traz à pauta a questão da violência doméstica, da qual se esquivou não se envolvendo com nenhum homem em definitivo, apesar de ter consciência de que ser mãe solo era uma condição difícil: “Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar” (JESUS, 2014, p. 22). Novamente, ao mesmo tempo em que dá ao homem um valor consensual da sociedade de então – uma mulher não pode viver sem um homem –, denuncia o homem violento e aproveitador. E é neste quesito que se vale da mesma potência da forma de agir no mundo de quem discrimina para, através do registro de tais situações, levá-las ao conhecimento das pessoas, bem como fazê-las pensar sobre a opressão sofrida pelas mulheres.

Apesar das dicotomias, Carolina era brava, era forte, era valente, e dia após dia, levantava-se para ir em busca do alimento com que sustentar mais aos seus filhos do que a si mesma. E ainda assim, corria o risco de não conseguir. Vera Eunice, sua filha mais nova, chegou a pedir que a mãe a vendesse “[...] para a Dona Julita, porque lá tem comida gostosa” (JESUS, 2014, p. 42). Na mesma data em que registra esta triste realidade, 22 de maio de 1958, Carolina relembra que em meados do ano anterior, em virtude de carregar muito peso – ferro-velho – ficou doente dos rins e teve que percorrer as sedes do Serviço Social para não ver os filhos passarem fome. Ao refletir sobre a situação, diz:

Eu sei que existe brasileiros aqui dentro de São Paulo que sofre mais do que eu. [...] Foi lá que eu vi as lágrimas deslizar dos olhos dos pobres. Como é pungente ver os dramas que ali se desenrola. A ironia com que são tratados os pobres. A única coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços dos pobres (JESUS, 2014, p. 42).

Mais uma vez, ao referir-se aos pobres que têm que recorrer ao Estado, parece apartada deles, ainda que naquele momento estivesse precisando de auxílio. E ao fazer a sua análise da forma como esse pobre é tratado, sem a devida humanidade por parte do poder público, revela sua leitura sociopolítica na contestação espontânea dos fatos.

Ao relatar, em primeira pessoa, nos seus diários, a realidade concreta de desumanização, escreve de si para o outro; o outro a quem reconhece, mesmo a despeito de quando em posição deste não ter sido considerada sequer como um ser. Pois o que Carolina, ao fim e ao cabo, desejava era revelar ao mundo as agruras da sua vida, do seu tempo, e, conseqüentemente, dos sujeitos históricos que o compunham, em uma espécie de crônica para a posteridade. Subvertia a precariedade de sua condição social escrevendo. Carolina resistiu ao subverter o silêncio e o apagamento a que estariam destinadas às suas memórias de mulher, negra, pobre e favelada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A série de obstáculos, ao longo da vida, colocados ao processo de humanização de Carolina – como o analfabetismo/semialfabetismo, o nomadismo, a fome, a miséria, o racismo, a sobrevivência através do lixo da cidade, as condições precárias de moradia, a subcidadania, a opressão, a violência – foram, na medida do possível, driblados pela força de vida, pela coragem, pela resistência, pela resiliência, através – mas não só – da narrativa sensível das suas experiências pessoais, em linguagem original, enquanto ato político de quem, ao ler o mundo e escrever sobre ele, contribui para que os outros possam lê-lo também.

Ou seja, Carolina sabe porque escreve, para quem escreve e utiliza-se, nos dois casos aqui apresentados, do gênero textual que entende mais adequado para isso, o diário. Também, é claro, decide sobre o que deve ser ali immortalizado. Não cabe tudo do seu cotidiano, dos seus pensamentos ou sentimentos em uma escrita diária de quem tem três filhos para cuidar e ainda passa parte do dia à cata de papéis nas ruas e que só escreve nas horas vagas. O como fica por conta da maneira que tem à mão para alcançar o seu objetivo: através de uma escrita atravessada pela oralidade, que é a que ela domina, amalgamando práticas discursivas cotidianas que contribuíram para o caráter *sui generis* de sua composição, agregando sensibilidades outras ao seu texto.

REFERÊNCIAS

CFCH aprova concessão de título Doutora Honoris Causa a Carolina de Jesus. **SECOM/CFCH**, 2020. Disponível em: <http://www.cfch.ufrj.br/index.php/27-noticias/1388-cfch-aprova-concessao-de-titulo-doutora-honoris-causa-a-carolina-de-jesus>. Acesso em: 09 mar. 2021.

DUSSEL, E. **1492 O encobrimento do outro**: origem do mito da modernidade. Petrópolis: Editora Vozes, 1993.

FARIAS, T. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2018. 402 p.

JESUS, C. M. de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Ilustração Vinícius Rossignol Felipe. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. 200 p. + il.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira da Educação**, nº 19, jan./fev./mar./abr. Rio de Janeiro: ANPED, 2002. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_LARROSA_BONDIA.PDF. Acesso em: 08 mar. 2020.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido)

MALDONADO-TORRES, N. Sobre a colonialidade do ser: contributos para o desenvolvimento de um conceito. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (eds.). **A virada descolonial**. Reflexões para uma diversidade epistêmica para além do capitalismo global. Bogotá: Iesco-Pensar-Siglo del Hombre Editores, 2007, p. 127-167.

MARASSATTO, V. F. T. Compreensão de Cultura por Carolina de Jesus em Análise Decolonial de *Quarto de Despejo*. 2021. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Universidade São Francisco, Itatiba, 2021.

MIGNOLO, Walter D. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 35-54.

MIGNOLO, W. D. **Desobediência epistêmica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires: Del Signo, 2010.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade o lado mais escuro da Modernidade. Trad. Marco Oliveira. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro: **RBCS**, vol. 32, n. 94, jun. 2017. e329402

MIGNOLO, Walter D. A Geopolítica do Conhecimento e a Diferença Colonial. [S.l.]: **Revista Lusófona De Educação**, vol. 48, n. 48, 2020, p. 187-224.

PEREIRA, D. Q. Diário de Bitita: a autobiografia ensaística de Carolina Maria de Jesus. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, (58), 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/ijelbc/aj/jqhDbFV_9SBgMn6_5Y9C6hvyS/?lang=pt. Acesso em: 08 fev. 2021.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005, p. 117-142.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acidentes traumáticos 162

Agroecologia 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203

Aprendizagem 14, 15, 18, 19, 22, 25, 26, 28, 38, 43, 44, 45, 46, 73, 74, 75, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 99, 106, 107, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 138, 142, 143, 144, 148, 149, 150, 151, 152, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 174, 175, 177, 179, 181, 185, 187, 188, 205, 207, 208, 209, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Atividade investigativa 87, 180, 184

C

Competência investigativa 79

Concepção 20, 41, 49, 53, 85, 89, 109, 127, 146, 169, 170, 178, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 219, 220, 221, 224

Curso de Pedagogia 102, 121, 128, 129

D

Dados 15, 23, 24, 26, 37, 41, 82, 83, 86, 87, 89, 96, 97, 103, 107, 108, 116, 118, 130, 133, 134, 135, 136, 149, 150, 151, 152, 171, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 197, 210, 213, 214, 222

Decolonialidade 48, 49, 50

Didactic engineering 61, 62, 63, 71

Diferenças de desempenho 130, 132, 133, 138

Dispositivos móveis 1, 2, 3, 4, 6, 10, 13, 156

Docente e gestor educacional 121, 123, 126

E

Educação ambiental 204, 205, 206, 213, 214, 215, 216

Educação básica 14, 15, 18, 23, 24, 74, 99, 121, 122, 123, 128, 169, 170, 181, 182, 185, 187, 226

Educação do campo 122, 194, 195, 196, 197, 201, 202, 203

Educação estatística 180, 185

Educação inclusiva 14, 22, 27, 29, 96, 100, 104, 170, 171, 173, 179

Educação matemática 181, 185, 186, 193, 226

Educação musical 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30

Educação profissional 122, 142, 143, 152, 153, 194, 195, 196, 197, 202, 203

Educación infantil 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160
ENEM 130, 131, 132, 135, 137, 138, 139, 140, 141
Ensino-aprendizagem 43, 75, 79, 85, 90, 106, 112, 117, 119, 126, 142, 148, 149, 165, 166, 167, 179, 205, 209, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225
Ensino superior 79, 80, 90, 91, 123, 131, 143, 167, 217, 221, 226
Ensino técnico 142, 143, 144, 147, 148, 149
Escolas 15, 16, 17, 22, 25, 26, 27, 92, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 121, 122, 123, 142, 143, 167, 169, 170, 171, 172, 176, 177, 178, 179
Estudiantes de ingeniería 1, 4, 9, 10, 11

F

Fonoaudiologia educacional 92
Fonte histórica 73
Formação continuada 27, 173, 179, 180, 182, 184, 193
Formação inicial 89, 121, 123, 127, 128
Fórum Municipal 31, 32, 38, 41

G

Gênero textual 58, 111, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223
Geografia 43, 44, 45, 46, 81, 102, 121, 176, 206

H

História 52, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 94, 104, 105, 114, 115, 121, 139, 140, 142, 152, 198, 201, 202, 203, 204, 207, 208
Humanização 58, 94, 169, 179

I

Imagem 73, 76, 77, 114, 116, 132, 215
Inclusão 14, 15, 16, 17, 18, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 84, 92, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 177, 179
Innovación 4, 10, 11, 13, 154, 155, 157, 158, 159, 160
Internet 7, 8, 10, 32, 33, 43, 44, 45, 83, 85, 87, 90, 91, 110, 115, 223

J

Jogos 19, 21, 22, 82, 176, 180, 181, 182, 186, 187, 188, 192

L

Leitura 50, 54, 55, 58, 75, 77, 99, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 207, 219, 223, 225

Linguaje musical 154, 155, 156, 160

Letramento 98, 101, 108, 144, 145, 146, 147, 149, 152, 153, 217, 218, 219, 220, 221, 223, 224, 225, 226

Literatura 48, 49, 96, 115, 120, 133, 147, 215

Livro didático 29, 73, 74, 76

M

Mathematics 2, 61, 62, 64, 69, 70, 71, 139, 181, 186

Métodos ativos 14, 15, 18, 24, 25, 26, 27, 28

Microprojects 61, 62

N

Notícia jornalística 106, 110, 113, 116, 117, 119

P

Pandemia COVID-19 1, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11

Plano Municipal de Educação 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41

Política educacional 31, 32, 33, 35

Prática de produção de textos 106

Primeiros socorros 162, 163, 164, 165, 166

Probabilidade 134, 180, 185, 186, 187, 190, 192, 193

Processo ensino-aprendizagem 75, 79, 126, 142, 148

Professor 17, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 43, 73, 74, 83, 85, 87, 89, 94, 96, 97, 98, 104, 105, 106, 111, 112, 113, 118, 121, 122, 144, 146, 149, 152, 164, 166, 167, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 183, 187, 188, 205, 208, 209, 221, 222, 223, 224, 225, 226

Projeto de pesquisa 142, 143, 147, 149, 171, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224

Q

Questões de física 130, 139

R

Redes sociais 79

Roteiro 43, 44, 45, 46, 116, 174

S

Sequência didática 106, 111, 112, 113

Sexo 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138

Sociedade 15, 17, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 50, 52, 53, 56, 57, 85, 86, 87, 92, 96, 103, 107, 108, 111, 113, 114, 117, 119, 124, 127, 132, 137, 138, 145, 164,

171, 172, 173, 175, 178, 187, 195, 200, 201, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 220, 224

Suporte básico de vida 162, 163

Sustentabilidade 194, 204, 205, 207, 212, 213, 214, 216

T

Tecnologia de groupware 79, 81, 82, 83, 86, 88, 89, 90

Tecnologia digital 44, 79, 80, 84, 85, 86, 87, 88, 153

TIC 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 84, 154, 155, 156, 158


V

Viagem 43, 44, 45, 46

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Educação


enquanto fenômeno social:


Democracia e emancipação humana


5




Atena
Editora
Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

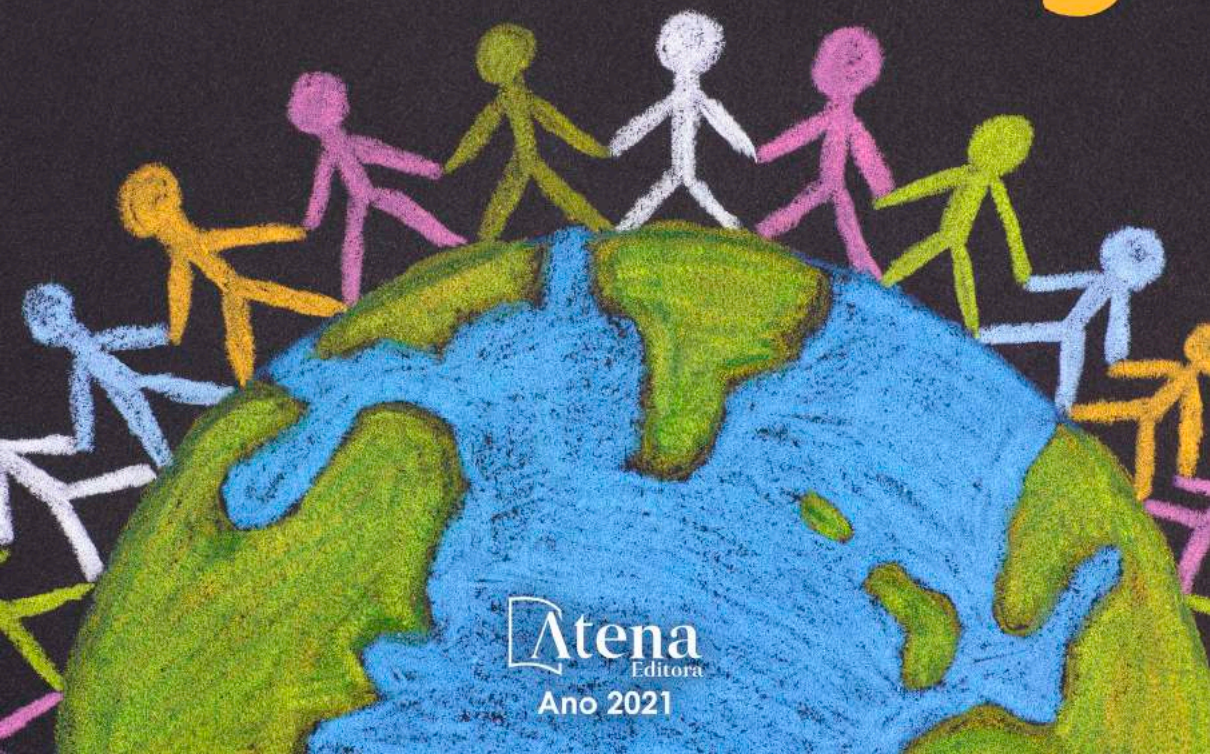
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Educação

enquanto fenômeno social:

Democracia e emancipação humana

5



Atena
Editora
Ano 2021